



IDEIAS LIBERDADE PARA PENSAR

Expresso
2750
11 de julho de 2025
expresso.pt



FOTO KRISTIAN BUJUSJIN PICTURES VIA GETTY IMAGES

Ensaio A professora do ISCTE traça o paralelismo entre a América de Trump e a Alemanha de Hitler. A distância é grande, mas as semelhanças são muitas

O fascismo de Trump? Uma analogia fácil de fazer



Maria João Tomás

GOLDEN AGE

A Golden Age, os anos dourados da América que Trump prometeu desde o início da campanha do seu segundo mandato, parece estar a chegar com a aprovação da “big beautiful bill” (BBB). O “grande e bonito projeto de lei” de Trump, assinado a tempo do 4 de julho de 2025, é uma viragem grande na política interna dos EUA. Com quase mil páginas, é muito abrangente e teve de ser aprovada no Senado pelo *vote-a-rama*, um procedimento que permite aos senadores votarem mais rapidamente, quase por atacado, tal era a pressão de Trump. Com um empate conseguido graças à dissidência de três republicanos, Thom Tillis da Carolina do Norte, Susan Collins do Maine e Rand Paul do Kentucky que se juntaram aos democratas, a vitória foi conseguida graças ao ‘voto de Minerva’ de J. D. Vance, na qualidade de chefe do Senado.

As sessões no hemiciclo foram tensas, com a Casa Branca a emitir uma recomendação para que o projeto passasse e muitos telefonemas da Sala Oval. Vários senadores admitiram votar a favor com medo de não terem apoio republicano para as intercalares de 2026. Quando desceu à Câmara dos Representantes, o cenário repetiu-se, e o clima de medo e intimidação sentia-se.

Esta nova era dourada, prometida por Trump, que afirmou repetidamente iria chegar muito depressa, levanta uma série de questões que afetam não só a vida dos norte-americanos, mas também marca uma viragem na concentração de poderes do Presidente e limites ao direito de voto.

AS ANALOGIAS COM O FASCISMO

Custa a crer que uma figura como Trump tenha conseguido não em cem dias, mas em perto de seis meses, mudar tanto os Estados Unidos. A linguagem simples, quase básica, não faz dele um grande orador, e muito menos uma figura carismática. Antes pelo contrário, todos os dias surgem novas caricaturas, e todas as noites vários programas de entretenimento nos EUA brincam com o Presidente. É a democracia, a liberdade de expressão e de humor a

funcionarem, e ainda bem que assim é. Até as muitas comparações de Trump com Hitler não parecem cair mal no Executivo da Casa Branca.

Tudo começou com a saudação nazi de Elon Musk, mas com a aprovação da BBB, tem sido cada vez mais frequente esta analogia com o regime fascista ou com a extrema-direita. Sabemos que é um argumento fácil, e que Putin o usou para invadir a Ucrânia, justificando querer combater os nazis, numa comparação com o episódio da II Guerra Mundial em que os ucranianos da parte ocidental preferiram juntar-se aos alemães para se verem livres do jugo soviético.

Embora a oposição democrata pouco se tenha insurgido contra este novo rumo que os EUA parecem estar a ter, e os poucos republicanos que não concordam já tenham vindo dizer que não correm em 2026, são as pessoas na rua e nas redes sociais quem mais mostra o seu descontentamento. Esperar-se-ia uma contestação mais forte por parte do Congresso, mas por razões que por agora desconhecemos, não o fazem. O clima durante a votação nas duas Câmaras foi intimidatório, mas daí até não haver liberdade de voto, vai uma grande distância.

CONTINUA NA PÁGINA II >>

O fascismo de Trump? Uma analogia fácil de fazer

DISCRIMINAÇÃO PELA RAÇA?

Um dos pontos mais controversos desta grande lei, é o corte brutal no apoio ao Medicaid, 11,8 milhões de pessoas vão ficar sem apoio na saúde. Sem Serviço Nacional de Saúde, tal como o conhecemos em Portugal, este é dos poucos auxílios com que milhões de americanos podem contar. Segundo o "KFF — The independent source for health policy research, polling, and news" este corte afeta 35% dos afro-americanos, 31% dos hispânicos, 17% dos asiáticos, 40% dos americanos índios e do Alasca, 26% de outras raças e etnias e apenas 16% de americanos brancos. Outra das medidas polémicas é o corte nos cupões de comida, as *food-stamps*, que auxiliam 3,2 milhões de americanos. Segundo o Economy Policy Institute, 26% dos beneficiários das *food-stamps* são afro-americanos, 23,1% são americanos índios e do Alasca, 18,5% são hispânicos, 20,20% são nativos das ilhas do pacífico, os asiáticos representam 8,5%, e apenas 7,9% são americanos brancos. Retirar estes apoios representa o empobrecimento de uma parte significativa da população americana, a mesma de onde veio J. D. Vance, que sobreviveu à conta de subsídios deste género.

Quanto à questão da limitação do direito ao voto, também é contemplada. Habitados de estamos a votar com o Cartão de Cidadão, que atesta a cidadania de uma pessoa independentemente da adoção/rejeição do apelido do cônjuge ou parental, mudança de sexo, etc. esquecemo-nos que nos Estados Unidos este documento não existe. Agora, para votar vai ser obrigatório fazer prova do nome que se tem, ou seja, ter um documento válido com fotografia, como uma carta de condução ou passaporte. Esta exigência vai ser limitativa para quem não tem um destes documentos, o que é relativamente comum nos EUA, sobretudo para as pessoas mais pobres e sem recursos. Segundo o relatório Center for Democracy and Civil Engagement, da Universidade de Maryland, de janeiro de 2024, 34,5 milhões de americanos adultos não têm um documento válido para votar, sendo os hispânicos o grupo mais afetado — 18%, seguindo-se os afro-americanos e os brancos — 14%, e os asiáticos ou das ilhas do pacífico — 12%.

A BBB também reduz brutalmente o número de advogados do Ministério da Justiça responsáveis por ajudar na lei eleitoral, como por exemplo em casos de falta de documentos válidos para votar.

A PERSEGUIÇÃO AO IMIGRANTE

Outra das grandes polémicas centra-se na agenda anti-imigração, que agrava ainda mais a vida dos beneficiários do Medicaid, das *food-stamps* e dos que não têm documentos válidos para votar. A contestação centra-se sobretudo no orçamento excessivo face aos cortes que vão deixar desamparados milhões de americanos. Crítica-se também a falta de preocupação com estas medidas que podem adicionar 3,3 trilhões à já astronómica dívida americana de cerca de 36 trilhões de dólares, que



FOTO: ELIJAH KOUVEL/AGE/GETTY IMAGES

está praticamente impagável, e que pode trazer o pesadelo de uma estagnação, o cisme negro da economia, de consequências devastadoras, aqui sim, para todos os americanos. A agenda anti-imigração desta lei prevê a contratação de mais agentes de imigração e alfândega, um fundo de 10 mil milhões de dólares para subsídios para estados que colaborem com ações federais de fiscalização e deportação, mais 46 mil milhões de dólares para a construção do muro na fronteira com o México, juntamente com 45 mil milhões para centros de detenção de imigrantes ilegais, com o Alligator Alcatraz, criticado pelas condições desumanas.

Juntam-se ainda as ordens executivas anteriores, como a de reverter a nacionalidade já atribuída, em casos de quem violou a lei ou represente uma ameaça à segurança nacional. Poderíamos pensar que faz todo o sentido, mas lembre-se os abusos do macarthismo quando milhares de americanos perderam a cidadania, acusados de serem simpatizantes do comunismo.

Estas medidas anti-imigração estão a criar um clima de medo entre as comunidades, de bairros de ruas desertas, lojas fechadas, pessoas trancadas em casa com receio de serem deportadas ou irem para centros de

detenção. Estados como a Califórnia, onde mais de metade da população é imigrante ou descendente, estão muito preocupados. Esta caça aos imigrantes pode ter uma agenda política, estando Trump a ameaçar deportar o seu ex-amigo Elon Musk, para o seu país de nascimento, África do Sul, ou ainda o candidato democrata Zohran Mamdani, que venceu as primárias em Nova Iorque, para o Uganda, alegando que é comunista. Temos sombrios estes para os EUA que fazem lembrar épocas passadas que ninguém quer ver repetidas.

O AUTORITARISMO DE TRUMP

Esta lei também aumenta os poderes de Trump. Passa agora a ficar mais caro recorrer aos tribunais federais para contestar qualquer ordem executiva do Presidente, tornando mais difícil o acesso a uma das *checks and balances* mais populares.

Junta-se a histórica decisão do Supremo Tribunal de Justiça para limitar os poderes de juizes federais, tomada a propósito de uma ordem de Trump que nega a cidadania a recém-nascidos cujos pais estejam ambos ilegais no país. Esta decisão do Supremo levanta a questão da jurisprudência sobre as outras ordens

executivas que Trump tem usado para governar.

Esta perigosa diminuição dos *checks and balances* na democracia norte-americana, e a possibilidade de se abrir um precedente para ser mais difícil contrariar as ordens executivas de que Trump tanto gosta, trazem à má memória outros tempos e outras geografias. Franz von Papen, em 1932, governou por decreto de emergência, segundo o Artigo 48 da Constituição de Weimar. Um ano depois, em 1933, Hitler conseguiria aprovar a Lei Habilitante ou a Lei para a Remoção do Sofrimento do Povo e do Reich, permitindo-lhe governar por decreto sem precisar da aprovação do Parlamento. Se é certo que a comparação pode parecer exagerada, não nos esqueçamos da promessa com que Hitler ganhou as eleições por escassa maioria: "Make Germany Great Again".

O DIA DA LIBERTAÇÃO

Até na economia parece haver paralelismos. 48 horas depois da nomeação para chanceler, no dia 10 de fevereiro de 1933, Hitler apresentou o Dia da Libertação, anunciando a aplicação de tarifas a vários países europeus, que chegaram aos 500%, preocupado que estava com as muitas importações alemãs. O plano era promover e captar uma indústria e agricultura feita no país, sem depender do exterior e libertar o povo alemão do mundo globalizado. A Holanda e os Países Escandinavos foram os primeiros desta guerra comercial, com foco nos produtos agrícolas e têxteis. Qualquer semelhança com o Dia da Libertação

anunciado por Trump dia 2 de abril de 2025 não é pura coincidência.

Também a "big beautiful bill" encontra uma comparação com o projeto orçamental fiscal com 25 programas e 32 páginas, que Hitler pediu ao seu conselheiro económico, Gottfried Feder, para ser implementado logo que conseguisse chegar ao poder.

A AGENDA DA EXTREMA-DIREITA AMERICANA

Todas as semelhanças entre Hitler e Trump, que a sociedade americana persiste em fazer, têm um denominador comum: uma agenda de extrema-direita. Difícilmente acreditamos que Trump conseguisse fazer tudo sozinho, mas um olhar atento à sua equipa parece esclarecer muitas dúvidas.

Russell Thurlow Vought, que desempenha as funções de secretário do Tesouro, e um dos autores do Projeto 2025, foi o ideólogo do "Make America Great Again". Fundador do Center for Renewing America, um *think tank* de ultraextrema-direita com ideais de supremacia branca, é abertamente anti-imigração e defensor do uso da força militar contra manifestantes, como aconteceu em Los Angeles. Aliás, terá sido o poderoso Stephen Miller, vice-chefe de gabinete da Casa Branca e conselheiro para a Segurança Nacional, quem coordenou a resposta e uso da força contra os manifestantes.

Stephen Miller é um dos homens de máxima confiança de Trump. Defensor do nacionalismo e da supremacia branca, é grande opositor da diversidade, equidade e inclusão, sendo um dos ideólogos da política anti-imigração de Trump, responsável pela separação das famílias de imigrantes que obrigaram crianças pequenas a irem a tribunal sozinhas. Foi um dos responsáveis pelas teorias da conspiração da derrota de Trump nas eleições de 2020 e é contra a política de controlo de uso e posse de armas. Fundador do *site* "American First Legal", uma entidade jurídica conservadora, de interesse público, que visa ajudar quem contesta as políticas de inclusão, diversidade e integração de imigrantes, muitos dos membros da direção pertencem ao atual Executivo da Casa Branca. É igualmente autor/coordenador de muitas das ordens executivas e crítico acérrimo de juizes federais dos processos anti-Trump, chamando-os marxistas, acusando-os de estarem empenhados em destruir o Presidente. Exigiu o cancelamento dos visas para estudantes chineses, justificando serem comunistas infiltrados nos EUA e foi grande defensor da implementação das tarifas ao Canadá, China e México. Afirmou repetidamente que as universidades americanas são centros de antissemitismo e que não protegem os alunos judeus.

Falta J. D. Vance, o ambicioso vice-presidente que sabe que Trump não poderá ficar eternamente no poder. Partilhando dos mesmos ideais dos ideólogos anteriores acusa os imigrantes dos EUA de serem os responsáveis pela grande dívida do país, fazendo lembrar as mesmas acusações que Hitler fez aos judeus.

Trump parece um fancho conveniente de uma agenda ambiciosa de extrema-direita e supremacia branca americana, sendo por isso fácil fazer a ligação com o fascismo de Hitler. A época também parece ajudar, se na década de 1930 a Alemanha estava a sair da Grande Depressão, os EUA estão a recuperar da recessão provocada pela pandemia. Até no preço dos ovos, alemães e americanos se queixaram do mesmo!

Se é certo que as comparações parecem evidentes, a ditadura de Hitler está ainda muito longe. Os EUA ainda são uma democracia, um Estado de direito, com liberdades e garantias. Esperemos que por muito tempo.

internacional@expresso.imprensa.pt

NÃO NOS ESQUEÇAMOS DA PROMESSA COM QUE HITLER GANHOU AS ELEIÇÕES POR ESCASSA MAIORIA: "MAKE GERMANY GREAT AGAIN"